

---

# QUESTÕES BAKHTINIANAS PARA UMA HETEROCIÊNCIA HUMANA

Marisol Barenco de Mello<sup>(\*)</sup>  
Valdemir Miotello<sup>(\*\*)</sup>

Em 2010 fui a um evento científico, na Universidade Federal de São Carlos, cujo nome me arrebatou: Círculo: rodas de conversa bakhtiniana. O que iria acontecer a partir dessa ida a São Carlos, não poderia prever. Logo na roda inicial conheci os dois bakhtinianos que escuto, atualmente, para compreender Bakhtin: Miotello e Ponzio, ao lado do Wanderley Geraldi, que já conhecia de outros lugares. Naquele momento a teoria bakhtiniana, que eu pensava que compreendia, desde 1995, começou a fazer sentido, e os sentidos que ali circularam impregnaram toda minha forma de pensar a educação, os diálogos na universidade, na escola e na vida.

Essa entrevista que ora inicio foi realizada com o professor Valdemir Miotello, que considero ser hoje, no Brasil, um dos maiores pesquisadores e estudiosos de Bakhtin, na parceria e diálogo com outros pesquisadores e estudantes, como não poderia deixar de ser, para um bakhtiniano. Mestre e doutor em linguística, advindo de uma formação em filosofia, o professor Miotello hoje coordena o importante grupo de estudos que ele carinhosamente chama de GEGe – Grupo de estudos dos gêneros do discurso, na Universidade Federal de São Carlos, onde leciona. O que se deve dizer sobre o Miotello é que, além de ser um profundo estudioso de Bakhtin, ele é um sujeito bakhtiniano em sua grandeza: generoso, alegre, irreverente, congregador. Com seus muitos estudantes, organiza os diálogos no cotidiano dos estudos na Universidade e os circula em muitas rodas de conversa, agora circundantes pelo Brasil. Ouvir o Miotello é inspirador, e nos dá esperanças. Eu encontrei muitas, ao voltar das rodas de conversa, e gostaria que vocês também tivessem essa oportunidade de conhecê-lo e de fazer parte do círculo que ele não deixa parar de girar, como bem queria Bakhtin. Nossa entrevista se deu através da troca de cartas, e aqui mantive o formato desse diálogo epistolar. Vamos à conversa!

## ***MARISOL, em 10 de março de 2013***

Querido Miotello, quando as organizadoras desse número da *Revista Teias* me procuraram para que eu organizasse a seção da entrevista, me pediram que eu entrevistasse um bakhtiniano “porreta”. Imediatamente pensei em ti, pois da admiração que tenho pela sua ação em torno a tantos

---

<sup>(\*)</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

<sup>(\*\*)</sup> Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos.

---

círculos que vem fazendo girar, tanto com seus estudantes e colegas, quanto com outros círculos já existentes, em um movimento que atualiza e possibilita a novos sujeitos pensar o mundo desde as ideias de Bakhtin. Muito me alegra poder travar aqui esse diálogo, ainda mais porque nos pediram para conversar sobre “Culturas, linguagens e a pesquisa em educação”, tema que estará presente nas nossas próximas rodas de conversa, a partir e com o texto Metodologia das Ciências Humanas, publicado como capítulo no livro Estética da Criação Verbal, de Bakhtin. Não vamos estabelecer uma relação de entrevista – ainda que na revista esse seja o nome da seção – por termos em conta os ensinamentos inclusive que vamos dialogar aqui: aqui trata-se do encontro dialógico entre duas consciências que não coincidem, tecendo um texto ao trazer muitos contextos na busca da expressão e compreensão de alguns sentidos. É um encontro, dialógico, sem garantias.

Vou puxar a conversa perguntando a você como vem lendo e dialogando com esse texto, em seus muitos círculos de conversa?

***MIOTELLO, em 13 de março de 2013***

Marisol, obrigado por essa oportunidade de conversa. E uma primeira questão que vem de tua fala e me leva a pensar é sobre a leitura de Bakhtin. Todos que estudamos Bakhtin devemos ler os escritos de Bakhtin e dos seus parceiros do Círculo. Temos quase todas as obras já traduzidas aqui no Brasil, todas traduzidas com muito esmero, e ler diretamente os textos é muito necessário. E estabelecer, com essa leitura, uma conversa com Bakhtin. Ler é conversar com o outro. Essa leitura haverá de provocar também a necessidade de ler intérpretes de Bakhtin.

Perguntas pelo diálogo que venho tendo com Bakhtin a partir da leitura do texto “Metodologia das Ciências Humanas”. Neste ano passado lemos o texto no Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe, grupo que lidero aqui na UFSCar, em São Carlos. Foi uma leitura provocante, a muitas vozes, com muitas consciências envolvidas, e com interesses diversos. Estávamos construindo a temática para o Rodas de Conversa Bakhtiniana, o evento que aqui realizamos, e os temas lá discutidos por Bakhtin nos interessavam muito. Pensar as Ciências Humanas como a ciência do homem. E que sempre vai se apresentar como um ser expressivo e falante. E também o pesquisador é expressivo e falante. Assim são duas ou mais consciências se penetrando, estabelecendo fusão e distância; a fusão proporciona a penetração e a distância rende o excedente de conhecimento. Veja que Bakhtin nos provoca a não pensar em exatidão, em coincidência, em precisão, em resultados práticos. Essas questões não necessariamente são das ciências humanas. A ciência humana é feita do encontro de duas ou mais consciências; e feita com penetração mútua e profunda, e com distância. Logo, Bakhtin está falando de uma outra ciência, uma heterociência.

---

Da mesma forma aqui se pode pensar a questão da metodologia. Aliás, essa leitura e discussão gerou um dos livros que publicamos no GEGe, no ano passado, o “Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana”. Passamos o ano quase inteiro falando sobre estas questões da metodologia, e esse texto nos provocou bastante. Essas questões da busca da “penetração profunda” no enunciado e na vivência do outro, da construção do sentido e do significado, temas que Bakhtin também aborda no “Marxismo e filosofia da linguagem”, são fundantes de nossa compreensão do outro e do mundo .

Ainda um outro tema instigante que esse texto nos trouxe foi pensar por um ângulo novo a questão da relação eu-outro, quando entendemos a necessidade absolutamente fundamental de o eu se monologizar, se completar; é um momento do processo de construção pessoal necessário. Quando me defino, me sinto pleno, fico cheio de mim-mesmo. Permanecer nesse estágio da identidade é uma armadilha. Dela precisamos escapar. Assim, ao mesmo tempo, essa consciência fechada entra em novo diálogo com novas vozes do outro, e novamente se incompleta, é deslocado na vivência, e se enriquece com novas vozes, novas visões, novos pontos de vista, num acontecimento sem fim. Visto dessa forma, essa questão se apresentou como nova pra nós. Eu me completo, enquanto me monologizo. E a completude é o fim, o limite, a morte. Somente a incompletude me mantém na vida. Assim o outro me traz a incompletude, me abre novos caminhos, e me devolve à vivência.

E assim se poderia ir passando mais vagarosamente pela leitura do texto e pinçando questões muito profundas que lá estão, e que nos provocam a conversar com Bakhtin, também em outros textos. Fizemos isso lendo novamente *A Cultura Popular*, *o Problemas da Poética* e *o Freudismo*. E todas estas questões foram sempre discutidas também em sala de aula, com as turmas de graduação e da pós. Os alunos leem e produzem reflexões escritas muito boas.

Ainda no ano passado tivemos outros dois lugares onde estas leituras repercutiram: no Seminário Ponziano, em abril, e no Rodas de Conversa em Novembro. No primeiro evento éramos umas 100 pessoas durante duas semanas, conversando com Augusto, Susan, Luciano e Geraldí. E foi um evento energizante, denso, profundo, provocante. E no Rodas éramos umas 250 pessoas, durante dois dias, conversando entre todos nós, de maneira dialogal, muito horizontalizada, sobre essas leituras. Foi muito bom, muito rico, e pleno de caminhos novos. E novas questões foram postas nestes eventos, permitindo novos olhares. O cotejamento de uma consciência com outra, de um texto com outros, é que permite a compreensão, o alargamento da própria consciência.

Miotello, com beijos, e aguardando outras palavras outras...

---

***MARISOL, em 16 de março de 2013***

Oi, Miotello, eu li, após o Rodas Bakhtinianas de 2012, o livro *A Escuta como lugar do Diálogo* (pela Pedro & João Editores), com os apontamentos do Seminário Ponziano. Poder conhecer Augusto Ponzio, Suzan, Luciano e, é claro, Wanderley é um privilégio para todos nós, que o Seminário e o Rodas oportunizaram, a partir de você e do GEGe. Uma das questões mais fascinantes a que Bakhtin se debruçou, em sua tese sobre Rabelais e a cultura popular, é a questão do riso e da inversão, da subversão do sério, do oficial. A primeira vez que ouvi o Ponzio, lembro-me bem dele imitando os galardões de uma farda e assinalando que Bakhtin se contrapõe ao oficial, ao general [à linguística “general”], ao sério, enfim. Penso que essa irreverência – também como ausência de reverência ao oficial – seja uma força que observo e me encanta em suas relações com seu grupo (sempre lembro de seus encontros com o grupo embaixo da árvore), com a Universidade, com o mundo acadêmico de um modo geral. Infelizmente o universo da pesquisa em Ciências Humanas me parece beneficiar-se pouco dos aportes bakhtinianos sobre o riso, até mesmo quando tenta estudá-lo. Você poderia comentar como percebe a potência do riso, da multidão e da cultura popular na pesquisa em Ciências Humanas?

***MIOTELLO, em 02 de abril de 2013***

Marisol, você pergunta como percebo a potência do riso, da multidão e da cultura popular na pesquisa em Ciências Humanas. Temos lido já bastante a tese de Bakhtin sobre Rabelais, onde esses temas estão firmemente discutidos. E de fato é compreensível que Bakhtin veja e nos faça ver a potência do riso, a força revolucionária dessa transgressão que se dá na vida. O riso abre portas; o riso perverte; o riso converte. Ele denuncia situações de opressão, de seriedade, de cultura oficial que se quer duradoura, e anuncia novas possibilidades na vida de cada um.

A própria vida de Bakhtin não se deu nos caminhos oficiais. Ele mesmo insistia que não se dava bem com o oficial, o sério. Daí as possibilidades que seu trabalho apresenta de favorecer a crítica ao estabelecido, ao pronto, ao dado, ao velho, ao sentado no poder. Bakhtin não nos ajuda a compreender o mundo contemporâneo, em sua postura oficial; ele nos ajuda a criticá-lo, a perceber onde são possíveis encontros revolucionários entre o dado e o novo, entre o oficial e o não oficial, entre o funcional e o infuncional, entre o sério e o riso, entre o consumismo e a vivência. E toda a sociedade, no seu lado dominante, está calcada sobre o oficial. Mesmo nosso trabalho na academia. A formação que passamos adiante é a formação formal, oficial; não conseguimos pensar em uma ciência outra, com vozes diversas e contraditórias.

Lembraste do meu grupo de pesquisa, que se reúne na sombra de uma grande árvore que temos aqui em São Carlos, na UFSCar, ao lado do departamento. Esse lugar aberto, ventilado, sem

---

paredes, sem hierarquia, um lugar de estudo participativo e colaborativo, frouxo, cheio de risos, com intervenções não calculadas, com participação de passantes, é o nosso jeito de estudar. Além disso, produzimos eventos como o Rodas de Conversas Bakhtinianas e os Colóquios Bakhtinianos; escrevemos nossos estudos e publicamos [já temos mais de dez livros publicados sob a chancela do GEGe, com textos de grandes pesquisadores, e também de alunos de pós e de graduação, tudo junto, cada qual com seu ponto de vista]. Essa é a potência da mudança.

Nesse semestre, ao estudar com um grupo de alunos do oitavo período sobre as questões do discurso, escolhemos como tema os enunciados de humor, o que é risível na sociedade contemporânea, o que nos permite rir; e também vamos denunciar os risos medidos, os meio-risos, os risos forçados, os risos de consumo, os risos televisionados, os risos das drogas, os risos sociais, os happy-hours usados pra distensionar. Mas porque temos que nos tensionar primeiro? Vamos conversar sobre lugares revolucionários do riso hoje, posturas de mudanças. O riso sozinho não liberta; o riso libertador é o que abre as portas, o que enfrenta as situações de opressão; o riso que ri de si ainda é o melhor; nesse embate é que se produz as faíscas da nova luz, das novas indicações de caminhos novos; nessa disciplina é o que vamos buscar nesse semestre.

Também os estudos dos alunos, em suas teses e dissertações, caminham por essa estrada: compreender a potência do riso e da multidão, se defrontar com as chances de mudança. Perceber os processos libertadores que a multidão gera, como uma bomba. Bakhtin é mesmo um sujeito que dá conta de nos indicar novos encontros inusitados. Nos encontros entre diferentes, contraditórios, é que a força libertadora se apresenta. Nas encruzilhadas é que temos a possibilidade do novo; nas relações de enxertio, de cruzamentos, de polinizações cruzadas, diversas, o novo pode surgir. Esse novo é a revolução bakhtiniana, como nos diz Ponzio. E claro que devo afirmar que ainda estamos bastante longe de compreender, em todos os sentidos, a potência do riso, da cultura popular, da multidão, das junções, das relações, dos mergulhos. Precisamos sempre ouvir mais vozes e vozes outras; necessitamos ver colorido; sentir enviezado; cheirar sabores dos outros; e saborear cheiros outros. Um mundo novo há de nascer nestes encontros revolucionários.

### ***MARISOL, em 30 de março de 2013***

Oi, querido, Miotello, quando te conheci, uma das primeiras coisas que ouvi foi um diálogo teu com o Ponzio, onde ele dizia em resposta a ti que nossa relação em frente ao espelho e à vida é sempre muito séria: “eu sou”. Em nome disso que pensamos que somos, produzimos pobres existências. Ponzio disse que o riso bakhtiniano é aquele em que nos olhamos no excedente de visão e damos uma gargalhada: “esse aí, sou eu?” Rir de si como primeira condição de perceber-se parte de uma totalidade maior do que a que concebemos, o que nos abre espaço-tempo. No texto

---

Metodologia das Ciências Humanas, Bakhtin fala das questões do grande tempo. Imagino que tanto já devem ter discutido sobre isso, e gostaria que me dissesse sobre como pensa a potência desse enunciado de Bakhtin: pensar no grande tempo. O que você acha afinal que ele tinha na cabeça quando provocou essa questão?

*MIOTELLO, em 03 de abril de 2013*

Doce Marisol, levantas uma questão muito interessante para pensarmos nos dias que se seguem. O tempo grande. Bakhtin contrapõe, como é do seu jeito e do seu feitio, de sua metodologia, duas posições que falam entre si, que se engalfinham, que se somam na contradição, e vão além. Neste caso ele contrapõe o Tempo pequeno e o Tempo grande. O tempo pequeno é o tempo do aqui e do agora, tempo da vida, tempo da ética, quando estou completamente relacionado com minha realidade presente de vida. É um tempo no qual vivo enquanto eu-mesmo-para-mim. É o tempo da completude, quando me monologizo e me completo. Tempo absolutamente necessário. Preciso estabelecer por completo meus limites diante do outro-para-mim.

Esse é meu esforço ético, quando tenho que “dar os meus passos”, tenho que produzir ativamente meu ato responsável, ato que devo assinar embaixo; e que somente eu posso assinar embaixo enquanto eu-mesmo. Momento em que eu sou eu-mesmo. Mas esse momento é fugidio, é movimento, é passagem. Não tem a profundidade que o alargamento da existência pode ter. Esse tempo pequeno é o tempo da aderência, do diálogo finito, da conversa funcional. Aqui é o lugar da “palavra própria”. Mas Bakhtin gostava de falar que a consciência precisava se alargar para receber outra consciência que também se alargava. Um ser-sendo em de-vir, recebendo outro ser-sendo em de-vir. Mergulho na memória do passado e na memória do futuro; quando então os sentidos encontram a superação de suas contradições, e assim emergem novos sentidos. Aqui se impõe o diálogo polifônico, incompletável, infinito, extralocalizado. Fala aqui a palavra outra. Aqui o eu escuta, um sujeito se abre ao outro sujeito, o homem aprende, pra só então dar seu passo, fazer seu “ato responsável”.

Portanto, aqui mostra Bakhtin a necessidade de a vida pequena e pessoal do cotidiano se abrir para as questões divino-universais, e cada um de nós viver essa dupla dimensão de forma plena, alargada. E ele nos mostra como isso se dava examinando a literatura, o campo do lugar possível do tempo grande. Principalmente a literatura de Dostoiévski. Mas também todos os grandes escritores que conseguiam dar a seus textos essa dimensão de abertura para o tempo grande, como, por exemplo, Pushkin. Da mesma forma que esse alargamento também poderia se dar com a vida de cada um. Trata-se de fazer a junção revolucionária entre viver uma vida profundamente arraigada em seu cotidiano e viver uma vida aberta ao universal, ao mais além.

---

Viver essa dupla dimensão com potência. E então viveremos entre o aqui-agora e o mais-além. Entre o tempo pequeno e o tempo grande. E faremos parte das lutas libertadoras, e nossas lutas também haverão de perdurar, porque entrarão em diálogo com outras lutas, com outras vozes, entrando em diálogo com realidades diversas, com vidas outras. E isso produz uma ressurreição dos sentidos, como afirmava Bakhtin. Um desafio e tanto. Uma libertação e tanto. Um compromisso e tanto.

***MARISOL, em 04 de abril de 2013***

Bakhtin se pretendeu fazer uma filosofia da linguagem, e o que ele nos ofereceu foi, no grande tempo, uma filosofia da vida. O que você poderia recomendar para os leitores, pesquisadores em ciências humanas, que querem puxar conversa com Bakhtin e com todos os dos círculos bakhtinianos pelo mundo a fora, na busca da construção de uma heterociência humana? Quando nos vemos novamente?

***MIOTELLO, em 06 de abril de 2013***

Marisol, sempre é bom falar contigo. Justapões hoje duas filosofias: da linguagem e da vida, que, relacionadas, retratam o programa de trabalho de Bakhtin e dos estudiosos do seu Círculo. Ele já havia dito em seu primeiro artigo publicado, em 1919: “Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade”. E isso se dá na “unidade da responsabilidade”. “Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade”. Palavras de Bakhtin. Ao nos oferecer um estudo profundo da “filosofia da linguagem concebida como *filosofia do signo ideológico*”, esse pensador formidável nos ofereceu lições de vida, de potência para atos responsáveis, que são atos revolucionários. Ao decretar o fim das grandes dicotomias filosóficas e vivenciais, ele aponta novas entradas nas relações, invertendo o polo da identidade para o polo da alteridade, o polo do dever-ser para o polo do ato responsável, o polo do sistema abstrato para o polo da interação concreta, o polo do mesmo para o polo do diferente, o polo da dialética monológica para o polo da relação dialógica. É assim que se entende a revolução Bakhtiniana, que nos fala Ponzio. E certamente que o mundo necessita desta revolução; que não se fará mecanicamente; essa revolução exige o esforço, a compreensão e o engajamento de muita gente, certamente.

Tenho certeza que todos queremos novos caminhos nesse século XXI. Bakhtin pode nos ajudar. Se falas de recomendar leituras, logo penso em dizer: leiam todos os livros de Bakhtin e de seus companheiros. Conversem com ele; participem do “Círculo de Bakhtin”, onde a palavra circula

---

entre todos. E também há muitos outros livros disponíveis para contribuir nesta nossa “penetração profunda”. Geraldi tem vários livros, mas indico os clássicos “O texto na sala de aula”, “Portos de passagem”, e também “A aula como acontecimento” e “Ancoragens – estudos Bakhtinianos”; de Ponzio indico as leituras do clássico “A Revolução Bakhtiniana”, e ainda “Procurando uma palavra outra” e também “No Círculo com Mikhail Bakhtin”; Faraco também tem livros ótimos, como “Diálogos com Bakhtin” e “Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin”; de Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza temos os três volumes de “Círculo de Bakhtin”; de Beth Brait temos vários livros, como os dois volumes de “Bakhtin: conceitos-chave” e também “Bakhtin e o Círculo”; de Fiorin indico “Introdução ao pensamento de Bakhtin”; de Geraldo Tadeu de Souza recomendo “Introdução à teoria do enunciado concreto”; de Maria Tereza de Feitas indico “Vygotsky & Bakhtin”; e assim poderia continuar com essa lista por longas páginas. Do meu Grupo de Estudos, o GEGe [Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso] indico principalmente os quatro pequenos volumes de “Palavras e contrapalavras”; são indicados como “cadernos de estudos para iniciantes”.

E há ainda centenas de livros, e milhares de artigos a serem lidos. O desafio é enorme. A aplicação deve ser firme na direção da leitura. E como eu dizia, copiando de Geraldi, o que importa é ler com Bakhtin, estabelecendo com ele, com o mundo e com a vida, um diálogo revolucionário.

Muito obrigado, Marisol. Cumprimentos a você e a quem nos lê, nesse momento. Espero novas chances de poder conversar mais com você. Você pergunta quando nos vemos novamente. Certamente em algum evento bakhtiniano. Agora nesse mês de abril Augusto e Susan estarão na Unicamp, em Uberaba e aqui em São Carlos; e em novembro certamente nos vemos em Vitória, no II EEBA [Encontro de Estudos Bakhtinianos], nos dias 12, 13 e 14, na Ufes. Muito obrigado e grande abraço.

Abaixo seguem alguns livros que marcaram especialmente meu reencontro com Bakhtin, mediado pelos círculos de conversas onde as vozes dos sujeitos circularam sobre a teoria bakhtiniana em diálogo com o campo educativo. Partilho com vocês, ampliando a lista do Miotello, esperando que possamos tecer outras conversas. Agradeço ao professor Miotello pelas palavras inspiradoras, pela sua existência inspiradora, que nos move, nos coloca no diálogo que irrompe para a incompletude e, nesse espaço que inaugura, nos permite outras memórias de futuro para nós nesse mundo, no grande tempo.



---

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- \_\_\_\_\_; DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em Diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- GERALDI, J. W. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. *A Escuta como Lugar do Diálogo: alargando os limites da identidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Arenas de Bakhtin: linguagem e vida*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Palavras e Contrapalavras: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010-11-12. [Caderno de Estudos I, II, III e IV].
- PONZIO, A. *A Revolução Bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Encontros de Palavras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Procurando uma Palavra Outra*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *Dialogando sobre o diálogo na perspectiva bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

*Recebido em abril de 2013  
Aprovado em abril de 2013*